

O PEQUENO COMO FORÇA PARA GRANDES ENTREGAS

Antonio Lopez Baeza

São onze anos que venho praticando com frequência o dia mensal de deserto. E, ainda que seja difícil apontar os frutos que esta experiência tem amadurecido em mim (o essencial do trabalho do Espírito é invisível aos nossos olhos), posso afirmar, com muita modéstia, que esta prática me fez mergulhar no silêncio interior, base da vida contemplativa. Em meus dias de deserto, tenho conhecido as horas de alegria e a aridez, os encontros lúcidos e serenos com o Senhor e as longas e aborrecidas esperas que parecem conduzir a nada. O dia do deserto se revela sempre com um lance na aventura do coração crente em busca do seu Senhor. Porém, no conjunto desses anos transcorridos, mantendo com assiduidade a prática do deserto, posso ver agora, com certa perspectiva, que os dias cinzentos não estavam, de modo algum, mais longe do Senhor do que aqueles outros que nos pareciam luminosos e esplêndidos; o essencial, do dia do deserto, é esse desprendimento total, essa espera silenciosa em Deus, vivida na inatividade e na ruptura com as ocupações habituais.

POR QUE UM DIA MENSAL DE DESERTO?

O fator “periodicidade” joga um papel determinante nesta experiência do dia do deserto. Trata-se de ir cultivando em nós uma capacidade e uma necessidade de agendar que não são filhas da improvisação, do acaso. Naturalmente, a todos nos custa romper com nossas ocupações do dia a dia (achamo-nos tão necessários na tarefa que cada um desempenha...!). Custa-nos também romper com nossos hábitos e comodidade doméstica, que nos proporciona certa segurança e fortaleza no conjunto de nossa imagem social. Pois bem. O dia de deserto obriga, ao menos uma vez por mês, a romper com a atividade e as preocupações prefixadas, para poder descobrir que todo trabalho tem raízes mais profundas das que ordinariamente lhe atribuímos e que caminhos batidos demais atrofiam ou mantêm adormecidas algumas das nossas melhores qualidades. Quantas vezes, ao sair de manhã bem cedo para o lugar do deserto, vendo os meus vizinhos do bairro saírem também, mas... para os seus trabalhos cotidianos, tenho chegado a sentir vergonha e pensar que eu era privilegiado. Um dia inteiro para mim, para fazer o que eu quisesse. Quem pode dispor, pensava eu, desde luxo? Submerso, porém nos caminhos da solidão dos dias de deserto, encontrava a resposta a tão acusadora inquietude. Sim, é um privilégio, ou melhor, é um dom que não se dá a mim somente. É uma graça que me ajuda a ser mais autêntico em meu ser e em meu agir. Nesse sentido, torno-me mais autêntico e solidário nos caminhos desses irmãos que não tem descoberto (e não é por culpa deles) a necessidade de uma pausa no caminho para sentir outras palpitações da vida que não se escutam entre o fazer, o ser protagonista e o competir a quem nos força esta dura necessidade de sobreviver.

COMO SE FAZ UM DIA DE DESERTO

Para o dia do deserto não se deve preparar alguma coisa. É necessário preparar-se (isto sim) a si mesmo. Não se deve ir ao deserto somente com o corpo. É preciso levar o espírito convenientemente preparado mediante o desejo vivo do encontro com Deus. Esta disposição de ânimo deve vir propiciada por uma série de condições externas que é preciso cuidar com esmero. Minha experiência me adverte que, sem tais condições, o deserto degenera com facilidade num dia de campo, numa explosão de paisagens, coisas aliás boas de si, que podem ser integradas no dia do deserto, mas que jamais se podem comparar com ele. Estas condições mínimas podemos resumi-las assim:

CLIMA DE VERDADEIRA SOLIDÃO

Buscar lugares distantes das pessoas. Esse espaço melhor nos dispõe a nos encontrarmos com as pessoas, das quais nós antes tínhamos nos distanciado, sob outras perspectivas que não seja o encontro massificado e barulhento de sempre.

NÃO OCUPAR O TEMPO COM LEITURAS

A bíblia, o Saltério, podem ajudar. No início dedicava-me a eles na maior parte do dia de deserto. Pouco a pouco, porém, tenho sentido a necessidade de prescindir também desses livros. A Palavra de Deus vai ressoando viva de outra maneira, por dentro.

AUSTERIDADE NA COMIDA

O ideal seria que a comida seja preparada pelo retirante no dia anterior. Tomar alimentos que não sejam pesados, que não induzem ao sono. No deserto, até a comida material no deve lembrar que ali estamos para sermos alimentados por Deus. René Voillaume nos diz: “o deserto é uma tentativa de avançar despido, fraco, desprovido de todo apoio humano, em jejum total de alimento terreno, mesmo espiritual, ao encontro com Deus”. É verdade, que não podemos ir longe se Deus não nos envia Ele mesmo o alimento, como fez Elias prostrado, esgotado e extenuado. O deserto é sempre uma respeitosa espera do alimento divino. É como um grito de socorro lançado a Deus.

ORAÇÃO SILENCIOSA

O elemento “silêncio” deveria ser sublinhado até o infinito. Silêncio dos sentidos, silêncio da mente, silêncio da afetividade. Instantes passeando, instantes sentados ou de joelhos, conforme lhe permitam o clima e o espaço. Sempre, porém, atento ao passo do Senhor, mergulhando na escuta dEle. Esse Senhor nos fala com a eloquência penetrante do silêncio

ENSINAMENTO DO DESERTO

O deserto tem me conduzido a vivenciar a fé cristã com dom de si. Dom que se expressa não no ato imediato do serviço, no fato de dar-se aos outros, mas na gratuidade do puro oferecimento. Eu entro no deserto como quem vai ao encontro de Cristo na Cruz, para oferecer-me com Ele ao Pai pela salvação do mundo. O deserto se converte, assim, em lugar e escola de intercessão. Subjugado por um Jesus fraco e reduzido á importância, um Jesus que nos ensina que o que importa é amar e que a libertação dos homens não está em proporção direta á quantidade de nossas ações, mas á qualidade de nosso ser entregue incondicionalmente á vontade do Pai. Os dias do deserto vão aperfeiçoando essa atitude de fé pura e transparente de entrega radical mediante a qual nos sentimos instrumentos nas mãos de Deus para a transformação de nossa sociedade e valores do Reino.

A aridez dos dias de deserto, esse despojar-se, ou melhor, esse deixar-se e despojar e conduzir por Ele, nos prepara para vivermos atentos ao passo de Deus na nossa história e para dar razão de nossa esperança nos tempos de crise em que vivemos. E, assim, quando chegamos aqueles outros desertos, que para todos chegam, ou seja, o fracasso, a doença, as situações sem saída, estamos preparados por Deus, trabalhados pelo Espírito para não derrubar-nos nas crises e reconhecer os próprios limites como maior fonte de fecundidade e eficácia que a fé faz brotar no seio da existência de quem crê.

Não poderia acabar esta reflexão que, embora pobre, me permite ter uma visão de conjunto sobre estes dias de graça vividos sob a luz do deserto, sem dizer, com a boca cheia: obrigado, Senhor, pelo dia mensal de deserto, sacramento do teu passo de amor silencioso por minha vida, e revelador dessa verdade tão consoladora, de que somente Deus salva”.

Em “Cadernos de Oração” - 1987

(Boletim Jesus Caritas da fraternidade Sacerdotal - nº88 ano 1982)